

305

DEZ 2022



Por dentro
do PET
Litoral
Indígena

Entrevista
com ex
petiana, Thai
Ganin

"Protagonizar ações de pesquisa, na pluriethnicidade de produção intelectual indígena"

Falar sobre a representação dos povos Indígenas na mídia atual exige refletir acerca de várias questões sociais, dentre elas o poço de desconhecimento acerca da realidade dos povos indígenas. Hoje 305 etnias habitam o Brasil, espalhadas por todo o território nacional, falando 274 línguas (dados do IBGE, 2010). Por muito tempo as questões pertinentes aos povos indígenas foram conduzidas por pessoas não indígenas. Com o aprofundamento das lutas sociais e o amadurecimento das pautas das minorias, os indígenas voltam à cena - agora não apenas pelo filtro das grandes mídias, mas em espaços autônomos nas redes sociais, se destacando nas mídias independentes e ganhando outros espaços. Apesar de serem os primeiros habitantes na narrativa da história brasileira, ao longo de mais de 500 anos a imagem indígena foi estereotipada e distorcida nos livros didáticos e meios de comunicação dominantes. Sendo os primeiros, os indígenas estão de volta! Sua presença nas mídias livres põe em cheque os estereótipos - e a tecnologia trás novas tintas a essa discussão.

FICHA TÉCNICA:

DIREÇÃO GERAL

Ana Elisa de Castro Freitas

PAUTA E EDIÇÃO

Robson Delgado

REVISÃO FINAL

Robson Delgado

FOTOGRAFIA

Beatriz Vieira de Oliveira (NUCA), arquivo pessoal Ana Elisa de Castro Freitas, Luís Dias e Tai Ganin.

Embora os grandes conglomerados de comunicação sigam dominando a produção e disseminação de estereótipos coloniais vinculados à imagem dos povos indígenas, a presença indígena em primeira pessoa aponta uma virada cultural. Por isso a representação de pessoas indígenas na televisão, rádio, internet é importante, para que o imaginário social seja descolonizado. A atuação de pessoas indígenas em diversos espaços sociais - na advocacia, na medicina, na educação, na literatura, no jornalismo, na arte - extrapola a esfera individual e diz respeito a toda a coletividade indígena que se vê representada nas trajetórias pessoais. Tal representação se afirma na Universidade Federal do Paraná: jovens de 17 povos indígenas de todo o Brasil frequentam mais de 20 cursos de graduação. São mais de 30 indígenas formados desde a implantação do Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná (2005) e Lei de Cotas (2012). Esses espaços devem ser e estão sendo espaços de representação: afinal, A UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA!

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO

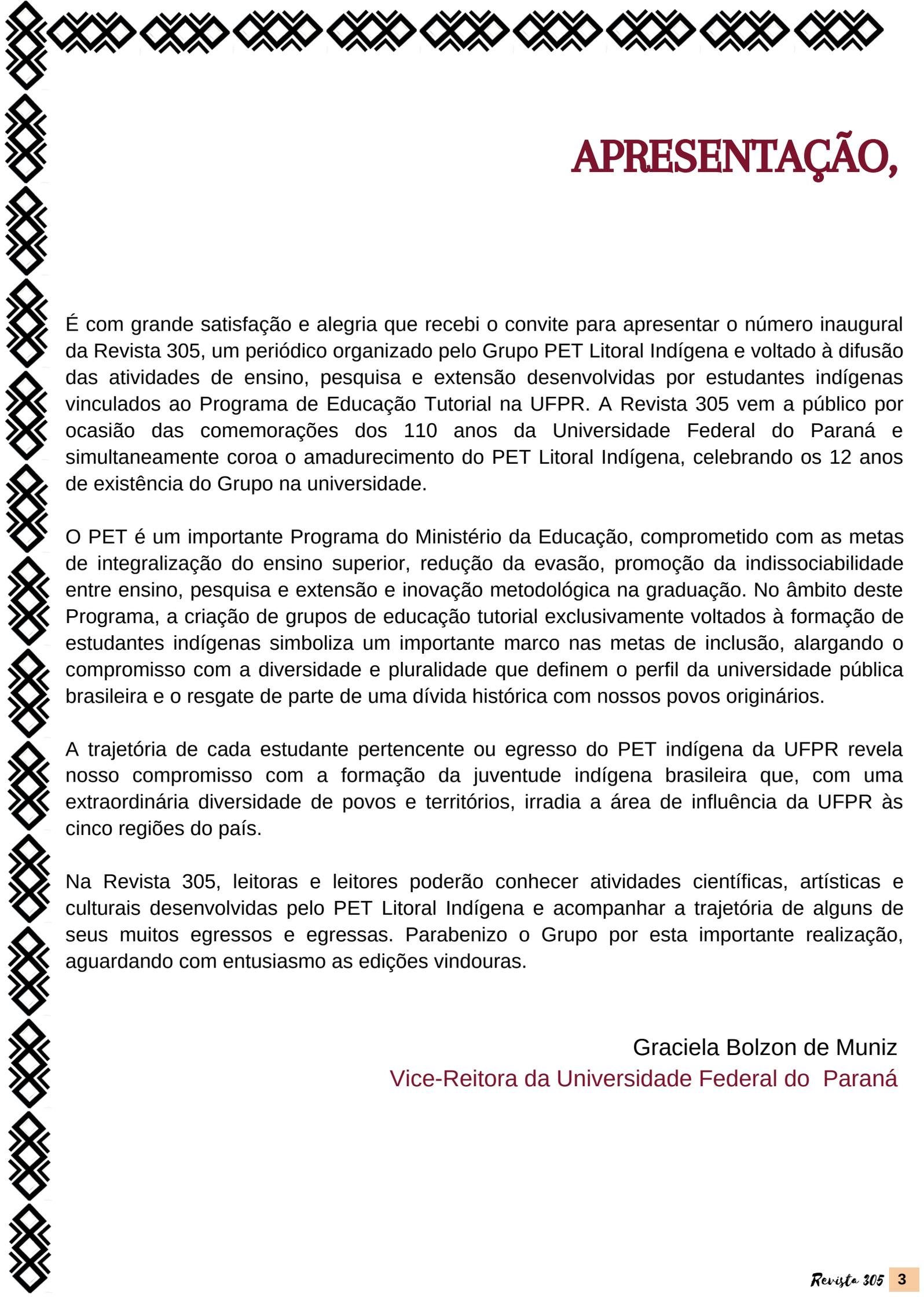
Robson Delgado

EQUIPE DE REDAÇÃO

Ana Elisa de Castro Freitas, Marcos Pedro, Filipe Pedro, Luís Dias, Matheus Nunes e Robson Delgado

AGRADECIMENTOS

Núcleo de Políticas de Comunicação, Tecnologias de Acessibilidade Digital (NUCA) e PET Química.



APRESENTAÇÃO,

É com grande satisfação e alegria que recebi o convite para apresentar o número inaugural da Revista 305, um periódico organizado pelo Grupo PET Litoral Indígena e voltado à difusão das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas por estudantes indígenas vinculados ao Programa de Educação Tutorial na UFPR. A Revista 305 vem a público por ocasião das comemorações dos 110 anos da Universidade Federal do Paraná e simultaneamente coroa o amadurecimento do PET Litoral Indígena, celebrando os 12 anos de existência do Grupo na universidade.

O PET é um importante Programa do Ministério da Educação, comprometido com as metas de integralização do ensino superior, redução da evasão, promoção da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e inovação metodológica na graduação. No âmbito deste Programa, a criação de grupos de educação tutorial exclusivamente voltados à formação de estudantes indígenas simboliza um importante marco nas metas de inclusão, alargando o compromisso com a diversidade e pluralidade que definem o perfil da universidade pública brasileira e o resgate de parte de uma dívida histórica com nossos povos originários.

A trajetória de cada estudante pertencente ou egresso do PET indígena da UFPR revela nosso compromisso com a formação da juventude indígena brasileira que, com uma extraordinária diversidade de povos e territórios, irradia a área de influência da UFPR às cinco regiões do país.

Na Revista 305, leitoras e leitores poderão conhecer atividades científicas, artísticas e culturais desenvolvidas pelo PET Litoral Indígena e acompanhar a trajetória de alguns de seus muitos egressos e egressas. Parabênizo o Grupo por esta importante realização, aguardando com entusiasmo as edições vindouras.

Graciela Bolzon de Muniz
Vice-Reitora da Universidade Federal do Paraná

PROGRAMA EDUCAÇÃO TUTORIAL LITORAL INDÍGENA UFPR



O Programa de Educação Tutorial (PET), teve início ano 1979 como Programa Especial de Treinamento e era subordinado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), passando posteriormente para o Ministério da Educação.

Depois de algumas tentativas de extinção, em 2004 houve sua reformulação no Programa de Educação Tutorial, consolidado pela Lei Federal 11.180/2005 e regulamentado pela Portaria 3385/2005.

Em 2010, a Portaria nº 976, (27 de julho) expandiu as atividades com a junção do PET com o Programa Conexões de Saberes, possibilitando a criação de grupos específicos e a troca de conhecimentos pela inclusão de estudantes oriundos de comunidades quilombolas e indígenas, entre outras, com o objetivo de desenvolver ações inovadoras na graduação. Atualmente existem 842 grupos PET distribuídos entre 121 instituições de ensino superior, sendo apenas 17 grupos PET indígena. Desde a sua criação, o PET estimula a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão na graduação, permitindo ao estudante desenvolver atividades em sua área ou em outras.

O PET Litoral Indígena é um grupo interdisciplinar e intercultural, criado pelo Edital Nº 09 – PET 2010, com sede no Laboratório de Interculturalidade e Diversidade (LaID) do Setor Litoral da UFPR. Fundado pela Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas, tutora do grupo. Atualmente as etnias que estão presentes no PET Litoral Indígena são: Atikum, Baré, Guarani, Kaingang, Kaixana com Tikuna, Terena, Tupinikim, Umutina-Balotiponé. Esses acadêmicos pertencem a povos localizados em diferentes estados do Brasil, fortalecendo suas lutas na Educação Superior Pública.

INTEGRANTES:



Camila Amajunepa
Umutina-Balotiponé
Gestão Pública



Daniela Correia
Kaingang
Educação Física



Filipe Pedro
Terena
Odontologia



Gabriel Campos
Kaingang
Direito



Isaque da Silva
Guarani
Ed. do Campo



Ivanizia Ruiz
Kaixana
Direito



Matheus Nunes
Atikum
Farmácia



Neiva Fernandes
Guarani
Ed. do Campo



Nivaldo Pereira
Tupinikim
Medicina



Olivia Krexu
Guarani
Ed. do Campo



Robson Delgado
Baré
Jornalismo



Silvio de Quadros
Guarani
Ed. do Campo

ATIVIDADES

PET LITORAL INDÍGENA

O planejamento anual do Grupo PET Litoral Indígena envolve um vasto repertório de ações, estruturadas em eixos de atividades que são avaliadas e aperfeiçoadas em cada edição do Programa. A meta é articular temas contemporâneos e de interesse às diversas áreas de conhecimento às matrizes etnológicas e aos contextos socioculturais dos povos indígenas e políticas públicas.



Num calendário de Reuniões semanais, o PET elabora mediações interculturais voltadas ao acompanhamento das ações e políticas de ingresso e permanência de estudantes indígenas na universidade, buscando qualificar indicadores e práticas de gestão. Através de Grupos de Estudos e Seminários de Projetos, casos advindos de diversos contextos territoriais são analisados por petianos em diálogo com egressos. Temas como políticas públicas, gestão territorial, pluralidade jurídica e justiça climática ingressam no debate. A cada edição, promovemos e participamos em diversos eventos na universidade e fora dela. As atividades do PET incluem exposições, mostras de arte, seminários, circuitos e eventos culturais voltados à difusão e promoção das culturas e ciências indígenas na universidade e sociedade. Destacamos nessa edição a exposição Netos de Makunaimi: encontros de arte indígena contemporânea, em cartaz no MusA/UFPR entre dezembro de 2019 e setembro de 2022, com ampla visitação e participação de artistas, comunidade acadêmica e público em geral.

Tai Ganin

"Somos kaingang, filhas, netas e descendentes de Fen'nó"

Tainara de Oliveira (Tai Ganin), é formada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É ex-membro do Grupo PET Litoral Indígena, onde realizou atividades tais como rodas de conversa e seminários e organizou importantes eventos voltados a difusão da presença indígena na universidade, como a Semana Acadêmica dos Estudantes Indígenas e o Encontro Regional dos Estudantes Indígenas (EREI/Sul). Tai Ganin participou da criação do Coletivo dos Estudantes Indígenas (CEIND), entre tantas outras atividades. Atualmente trabalha com práticas voltadas ao desenvolvimento infantil na cidade de Chapecó, estado de Santa Catarina.

Como começa sua jornada dentro da Universidade?

Em 2015 passei no Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná, e ingressei no curso de Terapia Ocupacional na Universidade Federal do Paraná, acompanhada de meu filho de 6 meses de idade. De lá pra cá tive que reafirmar minha identidade enquanto indígena milhares de vezes para me fortalecer e dar conta de todos os meus papéis, principalmente de mãe e estudante. Vi várias pessoas desistirem durante esse processo, e muitas vezes pensei também em desistir.



Como foi esse momento na UFPR?

Demarcar o espaço acadêmico é um processo árduo e difícil, e se torna muitas vezes torturante para os estudantes indígenas. Quando falamos que ao entrar na universidade representamos um povo é a mais pura realidade, e sim, como dizia meu Pai: você é Kaingang e está representando o Chimbangue (minha Terra Indígena) onde quer que você esteja! Eu Representei, eu consegui! E desejo que muitas outras pessoas consigam também, pois eu acredito em vocês e no nosso povo.

E como foi ser mãe ao mesmo tempo que cumprir a função de uma estudante universitária?

Um desafio que nós, mulheres indígenas, enfrentamos com nossos filhos e filhas, na luta diária pela possibilidade de estarmos juntos nos espaços acadêmicos. Sofremos, mas nossos filhos nos dão força para persistir e aprendem desde cedo que a universidade é sim um lugar para eles!

Qual a sua história com os movimentos sociais indígenas?

Eu cresci no meio desses movimentos. Meu pai foi preso por lutar pela demarcação da Terra Indígena onde morávamos. Então as lutas indígenas são parte de mim desde muito cedo. Assim como viver a experiência do preconceito. Eu estudei e terminei meu ensino fundamental e médio em escola pública, já fui acusada de roubo e vítima de alguns preconceitos, ainda na escola. A gente aprende desde cedo que sempre vai ter gente olhando diferente para nós.

E quem te incentivou a entrar na Universidade?

Meu pai. Como já falei, ele tinha sido preso e logo depois que foi solto lembro de uma conversa com ele, eu tinha uns 8 anos. Lembro dele dizer: "Filha você vai estudar na cidade, vai se preparar pra fazer faculdade e um dia você vai ajudar a defender nosso povo e nossas crianças, pra ninguém passar o que você e o seu irmão passaram."

Foram através de conversas assim que eu soube que eu tinha que fazer algo pelas nossas comunidades, e entrar na Universidade é um jeito de fazer a diferença não só na nossa vida enquanto pessoa individual, e sim impactar muitas pessoas.

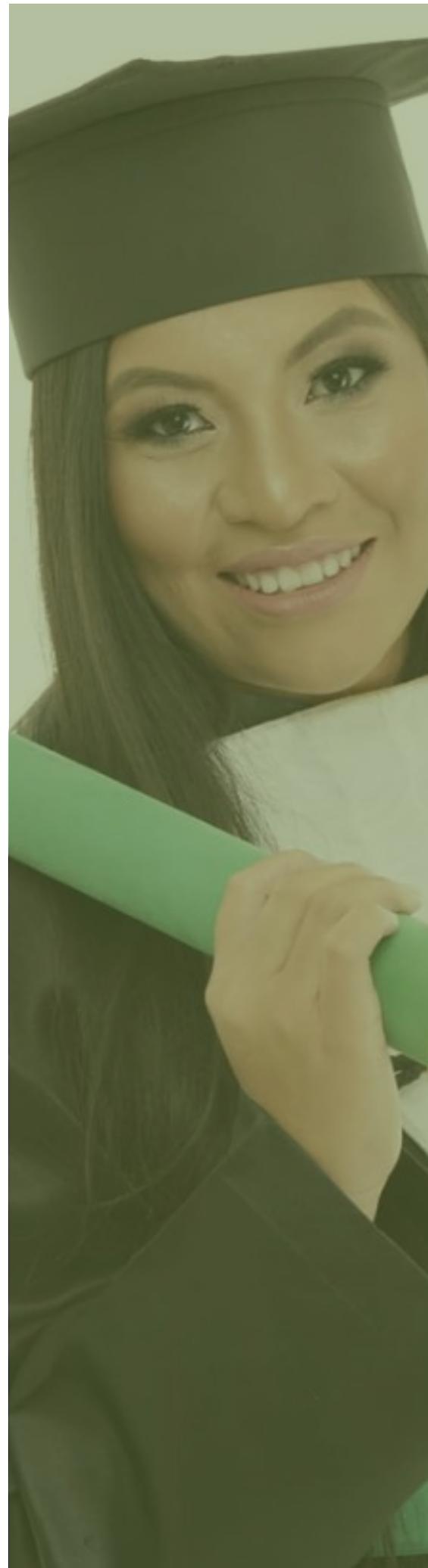
O que você deseja para o futuro das populações indígenas?

Que um dia a sociedade reconheça suas origens e que o Estado reconheça que nossos direitos não são utopias! Por que nós nascemos e nos desenvolvemos aprendendo que somos filhos da Terra, filhos do Sol e Filhos da Lua! E como bons filhos devemos zelar por nossos territórios, além - é claro! - de lutar para que um dia a sociedade abrace nossos povos sem taxá-los dos mais diversos nomes e apelidos pejorativos que nos deram ao longo dos anos, para assim garantir nosso bem viver e continuarmos com os nossos modo de vida, costumes e crenças que nossos Kofá (velhos) e pais nos ensinaram.

Qual seria um conselho para os parentes que desejam entrar em uma Universidade?

Seguimos! Avante parentes, as universidades precisam conhecer nossas histórias e entender que nossos povos têm suas próprias ciências e que ninguém melhor do que nós indígenas, para falar sobre o nosso jeito de ser e viver! OCUPEM AS UNIVERSIDADES, pois a ciência derruba mitos.

Entrevista: Robson Delgado



NOSSAS HISTÓRIAS

Luís Dias (KANHGÁG)

Formado em Educação Física pela UFPR em 2019



A memória indígena é, ao mesmo tempo, passado e presente que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais que, por sua vez, abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo da história. Somos detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, nossos povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas.

"Mĩg ty rã Ko"

(Onça comendo o sol ou eclipse solar)

Uma vez, há muito tempo atrás, algo muito estranho apareceu no céu. Aquela imagem tinha uma aparência de uma onça, muito assustadora, pois ela estava nos céus prestes a devorar nosso sol. Com a cena, muitos se desesperam: levavam as mãos à cabeça, apontavam e atiravam suas flechas, lanças, tudo o que podiam. Até mesmo faziam suas rezas nas casas sagradas, pois a onça estava prestes a comer o sol e íamos ficar sem a sua luz.

Foi nesse momento que apareceu um guerreiro com seu arco e flecha. Na primeira tentativa a fecha não foi alto o suficiente, pois havia a interferência do nervosismo. Na segunda flecha, também não teve êxito. Então, na terceira flecha, o guerreiro respirou fundo, acalmou o coração, concentrou toda a energia dos parentes Indígenas, da natureza e dos animais. E lançou a fecha. Ela subiu, subiu, subiu entre as nuvens e acertou a onça.

Dessa forma, ela soltou o Sol e fugiu por entre às Nuvens. E, assim, o Guerreiro RÃKAG salvou o sol. Salvou a luz do dia!

Mĩg ty rã Ko (eclipse solar)

Narrativa de uma história contada por minha mãe Glória Cornélio.



Prazer em conhecer!

A Revista 305 afirma a presença da juventude indígena na UFPR, difundindo sua arte, ciência, pensamento e luta. É um veículo de comunicação do Grupo PET Litoral Indígena, afirmando sua presença na universidade.

Na UFPR, o PET Litoral Indígena é um dos 22 grupos PET, em sua maioria vinculados a um único curso de graduação. De natureza diversa, o Grupo PET Litoral Indígena é interdisciplinar, reunindo 12 bolsistas matriculados em diferentes cursos de graduação: atualmente, Medicina, Farmácia, Odontologia, Enfermagem, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Educação do Campo, Direito e Jornalismo. Essa condição é desafiadora no âmbito acadêmico, possibilitando que diversas áreas de conhecimento dialoguem nos projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos no grupo.

Além disso, a equipe de bolsistas e voluntários do PET Litoral Indígena reúne jovens pertencentes a diferentes povos e comunidades indígenas, cujos territórios remetem às cinco regiões do país. Essa diversidade extraordinária possibilita o diálogo de diferentes experiências e perspectivas sócio-históricas e ambientais, conferindo um caráter intercultural ao Grupo. Exposições, publicações, eventos, grupos de estudos, integram as atividades do PET Litoral Indígena.

Celebrando os 12 anos do PET Litoral Indígena e os 110 anos da UFPR, a Revista 305 evoca os 305 povos indígenas no Brasil reafirmando o compromisso da universidade pública com a formação de sua juventude e seus projetos societários.

Por: Ana Elisa de Castro Freitas
Fundadora e Tutora do PET Litoral Indígena



NETOS DE MAKUNAIMI



A exposição "Netos de Makunaimi: encontros de arte indígena contemporânea", promovida pelo Grupo PET Litoral Indígena/PROGRAD/MEC em parceria com a Coordenadoria de Cultura da PROEC/UFPR, dá continuidade ao movimento artístico iniciado no Abril Indígena de 2019 com a montagem da exposição "O Renascimento de Makunaima na Arte Indígena Contemporânea", que esteve em cartaz no Museu Paranaense. Ambos os eventos contam com a participação ativa de estudantes pertencentes a diversos povos indígenas que cursam a graduação na UFPR. Evocamos a presença do espírito criador de Makunaima, através da ativação das forças

imaginantes de dois de seus muitos netos - Jaider Esbell e Gustavo Caboco -, acompanhados da vovó Bernaldina José Pedro, que nessa festa nos brindou com narrativas poéticas e evocações fabulatórias. A expografia foi colaborativa, envolvendo artistas e participantes se contando com obras e intervenções artísticas desde a montagem.

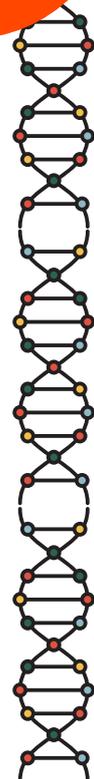




ESPAÇO INTERPET



PET QUÍMICA



A constituição de um grupo de alunas/os vinculado ao curso para desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão visa oportunizar aos bolsistas e demais estudantes a possibilidade de ampliar a gama de experiências em sua formação acadêmica.

O PET Química é formado por vinte graduandos do curso de Química e um tutor. O PET possui 15 projetos ativos, dentre os quais, 07 são presenciais e abertos à comunidade, como o Ação de Natal, Guria Cientista, PETQuím na Escola, Projetos Integrado, Manual do Calouro, Visitas técnicas, Oficinas, Palestras e Minicursos. Além dos projetos de divulgação realizados no Instagram e Facebook, como Mural do PET e MusiQuím.

CONTATOS:



 [PETQuimicaUFPR](https://www.facebook.com/PETQuimicaUFPR)

 [petquimica](https://www.instagram.com/petquimica)

 petquimica@ufpr.br

 <https://petquimufpr.wixsite.com/petquimicaufpr>

REALIZAÇÃO



Núcleo de Políticas de Comunicação,
Tecnologias de Acessibilidade Digital e Pedagógica da SIPAD

